Tipógrafos e linotipistas: imprimindo saberes e resistências na gráfica Tiprogresso, Fortaleza (1960 a 1990)

Leo Natanael de Jesus Araújo[*]

Resumo

O artigo analisa as narrativas de trabalhadores gráficos (linotipistas e tipógrafos) de Fortaleza que exerceram a profissão entre as décadas de 1960 e 1990. A partir dessas atividades gráficas os sujeitos foram co-autores de sua formação profissional, operando taticamente saberes transformados em segredos do ofíco e regulando sua transmissão, como forma de exercer um controle sobre o mercado de trabalho do setor e pleitear melhores salários e condições de trabalho. Contra o automatismo fabril e a domesticação de seu tempo e de seus corpos, desenvolveram o improviso criativo, a destreza, a perícia e uma relação privilegiada com o mundo das letras impressas.

Palavras-chave: narrativas, trabalhadores gráficos, segredos do ofício, improviso criativo e letras impressas

Abstract

This paper analyzes the narratives of workers graphs (typesetters and printers) Fortaleza who exercised the profession between the 1960s and 1990s. From these activities graphical subjects were co-authors of their professional training, working knowledge tactically transformed into the secrets ofíco and regulating its transmission as a means of exercising control over the labor market sector and demand better wages and working conditions. Against industrial automation and domestication of their time and their bodies have developed creative improvisation, dexterity, skill and a privileged relationship with the world of printed letters.

Keywords: narrative, graphical workers, trade secrets, and creative improvisation printed letters

[*] Mestrando na linha de Trabalho e Migrações do Programa de Pós-Graduação em História Social (Universidade Federal do Ceará – UFC), sob orientação do Dr. Frederico de Castro Neves. Financiado pela CAPES (Demanda Social). Especialista em História do Brasil (INTA). Graduado em Licenciatura Plena em História (Universidade Estadual do Ceará – UECE).

Impressões iniciais

Naqueles anos da década 1960, muitos jovens pobres de Fortaleza, alguns vindos com as famílias de regiões assoladas por secas e outras mazelas, sobreviviam como podiam, vivendo em bairros precários como Moura Brasil, Pirambu, Cristo Redentor e outros daquela orla de despossuídos. Muitas crianças e adolescentes ouviam falar de uma das maiores empresas gráficas do Ceará, a Tipografia Progresso[1] (conhecida como Tiprogresso), localizada na Rua Senador Pompeu, n° 754, no bairro Centro, cidade de Fortaleza, para a qual muitos se encaminharam. Apesar das inovações tecnológicas em diversos âmbitos da vida, ainda podíamos encontrar profissionais exercendo seus ofícios de forma tradicional, lançando mão do improviso e fomentado pelo aprendizado transmitido de pai para filho ou de amigo para amigo. Tratam-se de tipógrafos e linotipistas, mestres da transformação do texto escrito em texto tipográfico. Suas trajetórias foram profundamente imprimidas pelas marcas do orgulho do ofício, pelas doenças e outros perigos do trabalho e, finalmente, pela desvalorização e posterior extinção de suas profissões. À medida que entrevistávamos os sujeitos, suas narrativas imprimiam imagens dessa empresa como uma "escola" para o ofício e para a vida. Esses profissionais que em outros tempos foram representados como a vanguarda do movimento operário e "intelectuais da classe", mereceram também outros epítetos: "artesãos das palavras", "artesãos da subversão" (CASTELLAN, 2010, p.14) e também "jornalistas da classe" (GONÇALVES, 2002, p.15). Atualmente, ainda existe conteúdo para

1 A fundação da gráfica Tiprogresso remonta ao nome de Raimundo Esteves, nascido em 1901, que "iniciou a atividade profissional, como aprendiz, na Tipografia Morais, em 1923". Nessa época, "a oficina constava apenas de algumas caixas de tipos, de duas impressoras manuais e de uma guilhotina tipo facão", porém Raimundo Esteves mudou o nome da gráfica para Tipografia Progresso, instalada no prédio nº 183 da rua General Bezerril. Cerca de dez anos depois transferiu, "primeiro a encadernadora, e, logo após, todo o equipamento gráfico, para a rua Senador Pompeu nº 754", com maior espaço e condições de melhor estabelecer um ambiente adequado às atividades de composição e impressão. Na época o setor gráfico da indústria cearense contava com alguns empresários já conhecidos no ramo como Pergentino Maia, vice-presidente nas quatro primeiras diretoria da FIEC, os irmãos Caubi de Assis Bezerra e Juracir Bezerra de Menezes, das Tipografias Minerva e Estrela, Antônio Batista Fontenele, editor do Almanaque de Ceará, economista Fernando Otales Felício Maia, filho daquele mencionado inicialmente. Com o crescimento de sua empresa, Raimundo Esteves passou a liderar o ramo gráfico no Ceará. Quando faleceu em 1965, os filhos Luíz Esteves Neto e Geraldo Quevedo Esteves assumiram a direção da empresa. Luiz Esteves Neto, além de sócio-diretor da Empresa Tipografia Progresso e da Gráfica Industrial S.A., ingressou na FIEC a partir de 1966, como vice-presidente e posteriormente eleito presidente em dois mandatos – de 1986 a 1989 e de 1989 a 1992. Nos períodos 1966-1968 e 1983-1986 tornou-se presidente do Sindicato da Indústria Gráfica do Ceará e em 1980 presidiu a Regional Cearense da Associação Brasileira da Indústria Gráfica – ABIGRAF. Enquanto liderou a FIEC presidiu também o Conselho Regional do SENAI e o SESI do Ceará. Comandando as instituições empresariais do estado, procurou vincular o Curso de Artes Gráficas (SENAI) ao mercado, inclusive, direcionando ao longo dos anos gráficos recém formados para sua empresa ou recomendado-lhes a outras gráficas. (FIEC. BIBLIOTECA VIRTUAL MEMÓRIA – FIEC. CEDIP. **Luiz Esteves Neto: O desafio das mudanças.** Acessado em 27 de Maio de 2013)

uma identidade própria da categoria? Tornaram-se os trabalhadores gráficos em apenas mais uns "apertadores de botão" – apêndices de máquinas?

José Augusto e Augusto Bento (Bento) estão entre os linotipistas mais antigos ainda vivos em Fortaleza que trabalharam nesta empresa e experimentaram as principais transformações históricas no setor. Além das narrativas de suas trajetórias, outros entrevistados (os tipógrafos José Costa, Raimundo Freitas e Rogério Lopes) demonstram como a oralidade movimenta-se por regras próprias ao diálogo e à memória. Esta preocupação imbrica-se com os estudos de Alessandro Portelli sobre história oral, que para o autor é um "território relativamente inexplorado", porque a concebe como uma narração dialógica que tem o passado como assunto e que brota do encontro de um sujeito "que chamarei de *narrador* e de outro sujeito que chamarei de *pesquisador* encontro geralmente mediado por um gravador ou um bloco de anotações" (PORTELLI, 210, p.210).

As identidades vão também adquirindo novos sentidos, são atualizadas e ressignificadas pelas vivências e pelos trabalhos de memória:

> A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros. Vale dizer que memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p.05)

Dialogando com Pollak, Elizabeth Jelin também considera que "cualquier identidad individual o grupal está ligado a un sentido de permanencia (de ser uno mismo, de mismidad) a lo largo del tiempo y del espacio (JELIN, 2001, p.3). Caminhando nas palavras da autora, as identidades e memórias não tem existência própria fora das relações sociais, das histórias individuais e coletivas. Os trabalhos de memórias operam seleções que põem o sujeito em relação com outros.

Escolhendo o ofício

É a partir de uma seca (1958)[2] que o linotipista José Augusto de Oliveira (empregado da Tiprogresso entre 1972 e 1994), na época com apenas 13 anos de idade, explica como a família veio parar na capital. O pai perdeu o emprego e precisou procurar meios de se manterem. Precisaram mudar de Jaguaruana[3] para o bairro Dias Macêdo, em Fortaleza. Seu pai era analfabeto e só assinava o nome porque decorou ensinado por José Augusto. Mas foi a sua mãe quem primeiro lhe ensinou na vida a ler e escrever:

> a minha mãe era semi-analfabeta, eu devo a minha educação a minha mãe. Ela foi que me deu os primeiros momentos da educação, ensinou a carta do ABC, depois teve dificuldade de me ensinar a cartilha e me botou na escola carrancista, né, que é na base da palmatória. Eu devo muito aos meus pais, a questão do caráter, da educação, aos meus pais. [4]

José Augusto sentiu que a partir daquele momento a pobreza se agravara e que deveria escolher entre dois caminhos: ou ir para a universidade, o que já aparecia como descartado devido a situação de carestia de vida da família; ou procurar aprender uma profissão. Sua mãe possuía alguns contatos com pessoas de centros sociais e ajudou José Augusto a investir na segunda alternativa. Conheceu uma assistente social do SENAI, Dona Marcolina, que ajudou o filho a ingressar na instituição. Ainda devido as adversidades financeiras, vivendo "só pra trabalhar e não morrer de fome", não conseguiu terminar a admissão ao ensino ginasial. Escolheu o curso de mecânica, começando em 1960 e concluindo em 1963.

Orgulhoso do ensino público da época e manifestando facilidade para aprender, conta que lá "fizeram uma análise da gente e notaram que eu tinha uma certa aptidão pra escolher uma arte que eu quisesse." Como tinha um tio mecânico e torneiro, se empolgou e optou por se formar em mecânica de automóveis. Saiu do SENAI e rejeitou, nas suas palavras, "duas propostas interessantíssimas pra mecânico": uma foi na empresa WESTERN, outra na atual

---

2 A seca de 1958, segundo relatórios técnicos do ETENE (Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – Banco do Nordeste), atingiu uma área de "aproximadamente 650.000 km², onde viviam cerca de 7 milhões de pessoas." (DUARTE, 2003, p. 10.)

3 O município cearense de Jaguaruana situa-se na Mesorregião do Jaguaribe e Microrregião do Baixo Jaguaribe. Em estudo sobre as secas do Ceará, revela-se que "em alguns anos de seca, as áreas de sertão do Ceará nem sempre são as mais afetadas. Por exemplo, em 1958 e 1993 áreas do litoral e serras úmidas tiveram índices de chuva, durante o período de fevereiro a Maio, bem mais inferiores do que as áreas consideradas de sertão." In: (ALVES; SOUZA; REPELLI; 1998, p.3).

4 Entrevista realizada com Augusto Bento e José Augusto em 17/02/2013. Primeira parte.

MARCOSA. Recusou as duas porque o montante de documentos exigidos causou-lhe aborrecimento.

Através das partidas de futebol recebeu um convite do colega para trabalhar no jornal Diários Associados[5], em 1964. Sem entender nada de jornal, aceitou. Não trabalhou como mecânico. Foi ser "emendador" na seção de linotipia. O parque gráfico era formado por seis máquinas linotipos, seis linotipistas na ativa e cerca de três na reserva, caso algum adoecessse. Os paginadores pegavam o material impresso em chumbo e colocavam na "rama" (a página inteira). Imprimia-se a matéria em chumbo e o revisor fazia a leitura e corrigia. Se algo estivesse errado o linotipista voltava para a máquina e corrigia na impressão a chumbo. Entrava, então, José Augusto para substituir as linhas de chumbo erradas pelas corretas.

Ingressou no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e no Diários Associados através da mediação de contatos pessoais. A papelada exigida pelas duas primeiras empresas, WESTERN e MARCOSA, desanimou o adolescente, mas o convite do colega de futebol o convenceu a experimentar um emprego que não tinha nada a haver com sua formação técnica. Isso porque sua trajetória de vida foi marcada pelas relações pessoais tecidas no seio da comunidade e da família, desempenhando o papel de regulação moral para algumas escolhas desses sujeitos – um emprego, por exemplo.

Trabalhando à noite, de madrugada em madrugada foi observando os linotipistas, prestando a atenção no "mecanismo". Quando o linotipista ía dormir, sentava e ficava dedilhando com a máquina parada. Tinha mais caracteres do que uma máquina tipográfica: noventa teclas. Sua formação de mecânico de automovéis o colocou em contato com máquinas complexas, difíceis de se entender. Mas o que despertou a sua paixão foi a simplicidade do funcionamento da linotipo: "mecânica simples!"[6]

Aprendendo e (re)conhecendo

De tanto persistir conseguiu em apenas uma ano assumir uma máquina linotipo. Considera que o tempo de aprendizado foi incomum, muito rápido para a média e orgulha-se disso. Afinal, a única forma de aprender era nos intervalos da merenda, observando

---

5 José Augusto explica que o Diários Associados possuía dois jornais: um matutino (O Unitário) e outro vespertino (Correio do Ceará). Informa ainda que trabalhou no O Unitário.
6 Entrevista realizada com Augusto Bento e José Augusto em 17/02/2013. Primeira parte.

atentamente, até porque um linotipista veterano não poderia interromper ou atrasar o andamento de seus serviços só para ensinar um novato. Além do mais, a transmissão do aprendizado era regulada por certos preceitos morais. À primeira vista, não ensinar um colega de trabalho parece confirmar a ideologia da competitividade capitalista entre os trabalhadores, um individualismo importado do exterior da consciência de classe trabalhadora. Mas vamos com calma. A realidade era bem mais complexa, principamente para os linotipistas, que naquele contexto começavam a experimentar a desvalorização do seu ofício no setor gráfico. Primeiro, que estamos falando da relação entre um novato e um veterano. Segundo, que José Augusto, já em 1971, foi demitido do Diário Associados "pela inovação tecnológica":

> Que por incrível que pareça, um dado interessante, eu saí do jornal Diários Associados, pela inovação tecnológica, que em 71, de 70 pra 71, o jornal Tribuna do Ceará colocou a informática no jornal dele, o Sancho. Aí, o Diário Associados, pra num ficar atrás, né, aí entrou na informática. Aí, o nosso trabalho era todo na base tipográfica, trabalhava na linotipia, então, houve essa transformação e nessa transformação, quem foi linotipista, quem foi do setor tipográfico rodou. Então, eu fui uma das vítimas da inovação tecnológica, né, no Diário Associados, no jornal. Isso em 1971, né.[7]

Isso significa que algumas transformações no setor provocou uma oferta maior de mão-de-obra de profissionais tipográficos e linotipistas no mercado, acarretando um rebaixamento dos salários. "A decadência dos linotipistas", como define José Augusto, se deveu a uma modernização dos jornais de Fortaleza. O jornal Correio do Ceará, por exemplo, contava com dez a doze linotipistas: "Quando fechou, foi jogado doze linotipistas no mercado (...) Tá certo? Quem tinha era a Minerva, quem tinha era a América, tá certo? A gráfica América, a Tiprogresso com duas máquinas apenas."[8]

Antes de ingressar na Tiprogresso, fez vários "bicos" em jornais. Lembra que trabalhou no "Xavier, no jornal o Estado", onde o chefe era o "Milton Amâncio (...), um cara gente boa". Após um breve período, sem ter carteira assinada, recebia por alguns serviços e logo retornava para casa sem emprego. Ainda em 1971, recorda que Manuel Rocha, mecânico, "soube" da condição de José Augusto e o levou várias vezes para a Gazeta de Notícias, localizada na rua Barão do Rio Branco com Castro e Silva, "quase perto da Santa Casa. Era, bem assim, era uma casinha ... era um jornal pequeno. Era um jornalzinho pequeno." Quando rememora essa fase da sua vida, avalia que era muito "sentimental",

7 Entrevista realizada com Augusto Bento e José Augusto em 17/02/2013. Primeira parte.
8 Entrevista realizada com Augusto Bento e José Augusto em 17/02/2013. Primeira parte.

provavelmente porque nas suas relações de trabalho a afetividade construída no local de trabalho competia fortemente para mantê-lo em determinada empresa.

Ainda com algumas reservas no bolso casou mesmo estando desempregado, mas já com casa própria, fruto dos sete anos de trabalho no Diários Associados (1964-1971). Se os jornais estavam fechando as portas para os linotipistas, as gráficas poderiam oferecer oportunidades para alguns.

José Augusto esclarece que o linotipista ainda possuía um certo status na época, mesmo que residual, e por isso recusou algumas propostas de emprego. Porém, quando soube que havia uma vaga na Tiprogresso para linotipista reconhece que se interessou. Do ponto de vista profissional era a maior empresa do Norte e Nordeste, com mais trabalhadores: "cerca de 250 funcionários." Seu proprietário era Luiz Esteves, conhecido líder empresarial do setor que também comandou a FIEC (Federação das Indústrias do Estado do Ceará) dos anos 1960 a 1980.

Quando começou a trabalhar na seção de linotipia ao lado do veterano e chefe Anastácio, percebeu que ainda precisava aprender muita coisa sobre o funcionamento da máquina:

> Então, eu fui pra, pra Tiprogresso e lá eu aprofundei meu aprendizado do ponto de vista da máquina (...) eu não fiquei só em aprender a, não só a ganhar dinheiro. A, a linotipo, eu fui procurar conhecer a máquina, porque eu sentia necessidade de fazer isso, né, até por conta do finado Anastácio, né, porque tinha certas coisas que eu ficava refén dele. Ele era velho, era veterano, era o chefe, então certas coisas que eu ficava parado e eu num podia fazer porque ele segurava.[9]

Dizer que ele "segurava" significa que nem todo o conhecimento era repassado: o segredo profissional. A não trasmissão de alguns ensinamentos pode ser interpretada de diferentes formas, dependendo do contexto. Nesse caso, a relação de ensino/aprendizagem deveria se nortear por critérios de confiança e solidariedade, que se consolidam em experiências de reciprocidade ao longo do tempo. Certa vez quando José Augusto foi ao almoxarifado, descobriu sem Anastácio saber, vários livros sobre as linotipos que Luiz Esteves guardava. Com muito esforço tentou aprender mais. Mas não era o suficiente, sobretudo porque os livros estavam em inglês. Foi então que certo dia chegou para Luiz Esteves, que na época, segundo ele, era conselheiro do SENAI e pediu uma indicação para

---

9 Entrevista realizada com Augusto Bento e José Augusto em 17/02/2013. Primeira parte.

ingressar no curso de Artes Gráficas a fim de se aprimorar no ofício e atualizar-se com as novas tecnologias. A resposta foi: "Rapaz, num vá lá pra lá não, que se você for lá, você vai é ensinar!".[10] Hoje José Augusto avalia que foi uma grande jogada de seu chefe para não perder o profissional e lamenta não ter ido por conta própria. Até mesmo se admira não ter tomado essa atitude naqueles tempos. Sua aprendizagem foi, portanto, no chão-da-gráfica. Algum tempo depois José Augusto conheceu José Augusto Lima Bento (Bento), também linotipista, mais novo e menos experiente. Tornaram-se os dois únicos linotipistas da Tiprogresso. A amizade se firmou entre eles e José Augusto repassou-lhe "vasto ensinamento na profissão."[11]

Quando perguntado do porquê pela escolha da profissão de linotipista José Augusto sempre remete a sua formação como mecânico no SENAI. Acostumado com os mecanismos complexos dos automóveis, impressionou-se com a mecânica simples da linotipo. O relato de José Augusto se deteve mais na estrutura de funcionamento da máquina. Procurou estudar sua mecânica e entender como funcionava em todas as suas etapas. Afirma que não é comum um linotipista entender de forma acurada a anatomia da máquina. Sendo uma iniciativa dele, como faz questão de frisar, justifica sua paixão à primeria vista pela linotipo numa descrição complicada e de grande valor simbólico e histórico de seu funcionamento: "Trabalhando com excêntricos, trabalhando com lei da gravidade, tá certo, e fazia funcionar a composição de, de, de uma coisa importantíssima que era a comunicação, que era a escrita, né." Com riqueza de detalhes ele prossegue no desvelamento da maquinaria:

> E como é que o cara conseguiu fazer funcionar uma máquina de mecânica tão simples, uma máquina toda na base da mecânica, ferro fundido, né, né, e dá um produto espetacular, tá certo. Os excêntricos!
>
> Claro que ela era alimentada pela, pela energia elétrica, claro, mas aí, tinha também uma parte centrífuga, que trabalhava com ar, né, tinha uma roda que trabalhava com sapatas, aquelas sapatas de freio de carro, tá certo, e o importante é que todo o conjunto ali, na linotipo, na hora que trabalhava no conjunto, esse conjunto era funcionamento, que dependia do, do, do linotipista, fazia com que houvesse uma sincronização de em todo esse aparato mecânico, a máquina dava esse produto final que era a impressão no chumbo, tá. Então, aquilo me apaixonou, eu fiquei, aquilo, fiquei abismado com aquilo, rapaz, eu fiquei..."Eu tenho que aprender esse negócio dessa máquina!".[12]

Mergulhando nas curiosidades e nas informações históricas sobre a máquina, José Augusto descobriu que o inventor da linotipo foi um alemão chamado Ottmar Mergenthaler,

10 Entrevista realizada com Augusto Bento e José Augusto em 17/02/2013. Primeira parte.
11 Idem.
12 Idem.

que viajou para Baltimore, Estados Unidos. Admirado com a precisão do invento, encontra a resposta para a engenhosidade do inventor no seu ofício: "a precisão que esse cara conseguiu alcançar a partir da mecânica simples, é que o homem era relojoeiro macho! (risos)".

Bento admite que no primeiro encontro com a linotipo "você fica de boca aberta". Augusto, com uma empolgação ainda viva, explica que a finalidade da linotipo é um "triângulo": composição, distribuição e fundição[13]:

> É o triângulo da linotipo. O papel dela é esse. E o cara conseguiu através da mecânica simples fazer com que aquela coisa funcionasse expetacularmente, tá certo. Os excêntricos, quando ele fala assim (Bento), que era realmente cheio de rebaixo, nos rebaixos faziam com que a, a, a bomba, o êmbulo do chumbo injetasse o chumbo pra caldeira. Fazia com que o elevador que seguia a composi...as letras todas colocadas para a fundição. Fazia com que um segundo elevador viesse buscar a letra pra distribuir no fuso, tá certo. Tudo isso com a gravidade, que quando o excêntrico rodava e debaixo o espaço aberto, por exemplo... aqui era o excêntrico, quando chegava nesse espaço aqui, aí a alavanca não tinha espaço pra coisar, aí descia e ía pro segundo elevador pra levar o outro, que ele pegava a rebarba, ele fazia o outro baixar. Então, era uma mecânica simples e, e, e, uma coisa espetacular. Então, isso, me apaixonei, isso, sabe, eu fiquei matutando, como é que uma máquina dessa funcionava desse jeito? Eu tenho que aprender isso, eu tenho que aprender.[14]

Certa vez, ainda na sua fase de ficar matutando sobre a máquina, estava na linotipo de um colega seu, Celestino, trabalhador tanto do jornal quanto da IOCE (Imprensa Oficial do Ceará), que o surpreendeu dedilhando no teclado. As teclas estavam gastas pelo uso e seus caracteres estavam praticamente apagados. Celestino não entendeu e recomendou que ele treinasse a digitação numa máquina mais nova, ao que Augusto respondeu: "Não, é que eu gosto de trabalhar no teclado cego". Celestino "morreu de rir" e Augusto continuou, sempre exigente consigo mesmo, a teclar até decorar a posição das letras sem precisar olhá-las.

As mudanças e as crises

José Augusto considera que o auge da linotipia no Brasil foi dos anos 1940 até 1960, quando se inicia a decadência. Mesmo assim, o cerco ainda não havia se fechado para algumas boas oportunidades, pois não havia tantos profissionais no mercado. A principal

13 Em texto escrito pela autora que segue, a classificação das funções é definida da seguinte forma: "As três partes distintas – composição, fundição e teclado – ficam unidos em uma mesma máquina." No entanto, entendemos que não se diferencia essencialmente da classificação de funções feita por José Augusto, uma vez que o teclado aciona justamente a função do distribuidor dos tipos. Ver: (NUNES, 2010, p. 47).
14 Entrevista realizada com Augusto Bento e José Augusto em 17/02/2013. Primeira parte.

reclamação dos empregadores por essa época era a dificuldade em adquirir profissionais gráficos qualificados, além da "rotatividade e absenteísmo" (FIEC, 1979, p. 14). Em geral, o recrutamento se dava através da procura dos próprios trabalhadores ou "por indicação de terceiros (pessoas, sindicato e SENAI). A tendência nas empresas era que seus funcionários se formassem na própria gráfica.

Nas impressões de Bento houve um descompasso nas inovações entre o setor de jornais e o setor das gráficas em geral. Enquanto os jornais estavam dispensando a linotipia e aplicando novas tecnologias, as gráficas convencionais persistiam no uso da tipografia. Com a nova oferta de linotipistas jogados no mercado, o valor de sua mão-de-obra teria caído, o que incentivou as gráficas a aproveitar esses profissionais. A profissão ainda estava sendo ensinada, não somente no SENAI, mas também no chão-da-gráfica. Outros dois trabalhadores aprenderam o ofício com José Augusto. Bento lembra de um colega em especial, com bastante conhecimento adquirido no SENAI, mas faz questão de sublinhar: era conhecimento na teoria. Outros conhecimentos só eram adquiridos na prática, no dia a dia da gráfica, com máquinas que não existiam no SENAI, com uma rotina estafante de trabalho. Foi uma fase em que os linotipistas trabalharam muito na Tiprogresso, pegando o expediente às sete horas da manhã e largando somente às dez horas da noite. Depois começavam as "viradas", com início na Sexta-feira às sete da manhã e término no Sábado às onzes horas da manhã. Bento explica que no entendimento da empresa, a "virada" não durava vinte e quatro horas, mas vinte e oito.

No seu tempo, os linotipistas e tipógrafos experimentavam os primeiros sinais da desvalorização que foi marcada por uma descaracterização: o "caboclo" ía mais por uma questão de sobrevivência, "topava tudo", aceitava mais de uma função, seja de mecânico, de ajudante, etc. Na sua visão, enquanto os concorrentes estavam se modernizando, Luiz Esteves segurava a "peteca", pois tinha um parque industrial antigo mas bem equipado, "com um setor só de impressoras manuais, dois prelos grandes na base de clichê de madeira"; um outro setor composto por "impressoras Heidelberg", outro com as "bandeirolas". Não querendo ter custos adicionais com a aquisição de novas máquinas ou com a contratação de profissionais de qualificação formal, Luiz Esteves preferiu inicialmente aproveitar seus próprios funcionários e fazer uma transição lenta, gradual. À medida que ía comprando alguma máquina à frente das suas, como a "Multilit", a "Solna", escolhia pessoas da tipografia para aprenderem a tecnologia da off-set. Esse processo muitas vezes fomentou uma relação de reciprocidade entre patrão e empregado. O tipógrafo, grato pela oportunidade de não ser descartado e aprender o novo ofício, alimentaria um sentimento de lealdade.

O próprio Bento progrediu do setor de chapa para linotipista. Um salto de grande qualificação para o setor tipográfico. Não foram raros também os impressores tipográficos que foram remanejados para a impressão off-set, outro salto que para Augusto era bastante significativo: "Impressão off-set, macho, coisa mais limpa, na base da água, aquela coisa toda, uma máquina mais sofisticada (...), o que hoje ainda é considerado elite, né, o setor de off-set, né, entendeu?"

Na perspectiva de Bento, a demora em inovar de Luiz Esteves ajudou muita gente. Augusto reconhece que muita gente se fez linotipista na Tiprogresso, pois ele próprio foi quem indicou Bento para que Anastácio o recrutasse para o setor: "Muita gente se fez linotipista lá, entre nós mesmos né, como amigo. 'Rapaz, eu vou precisar', 'Rapaz, chama o Bento, Anastácio!'. Aí o Bento foi, né. Foi o Frank, depois foi o Sabóia..."

Em 1997, outro duro golpe seria dado na linotipia com o fechamento da IOCE (Imprensa Oficial do Ceará), jogando no mercado mais tipógrafos e linotipistas. Augusto relata que a linotipia sobreviveu em "quenga de coco", como eram chamadas as gráficas pequenas, domésticas, "fundo de quintal". Com uma impressora tipográfica e uma linotipo, pessoas como ex-funcionários da gerência da Tiprogresso, Eguiberto e Soares, montavam uma "quenga de coco". Bento, por exemplo, foi atraído por Eguiberto para trabalhar em sua gráfica particular. No entanto, as "quengas de coco" davam conta de uma pequena demanda de serviços, funcionando geralmente apenas com um linotipista ou um tipógrafo: "Então, 30, 40, 50, 60 linotipistas com seis, sete quenga de coco com uma linotipo, tu vê aí a dificuldade de se empregar..." Nas "quengas de coco" o linotipista "fazia tudo", simbolizando a multifuncionalidade que o trabalhador era obrigado a se render, fomentando a descaracterização do ofício.

Para Augusto o progresso tecnológico era inevitável e a questão não girava em torno de defender a manutenção da tipografia e da linotipia. Uma solução plausível teria sido a formação dos trabalhadores para lidarem com o advento da informática. Mas quem financiaria essa adaptação? As mudanças eram rápidas demais e uma novidade como impressoras Multilith, em alguns meses caducavam e davam lugar para outro equipamento mais avançado, como as impressoras Solna. Esta por sua vez logo perdia seu posto para novidades seguintes. Na sua experiência como membro da Federação dos Gráficos, Augusto conheceu a realidade de outros estados e ficava surpreso ao encontrar impressoras comandadas por computadores que dispensavam tanto o trabalho do profissional da composição quanto do impressor. As máquinas estavam centralizando cada vez mais funções que antes eram

divididas entre vários profissionais. Além disso, para ele outro grande obstáculo para integrar os antigos tipógrafos e linotipistas à informática seria a precária instrução dos gráficos. Muitos não terminavam nem mesmo a instrução básica, sendo obrigados a interromper os estudos antes de completar o primeiro ou segundo graus do ensino básico. Não era raro econtrar trabalhadores incapazes de interpretar ou ler fluentemente um texto jornalístico.

Bento fala que a carestia de vida impelia os jovens a trabalharem muito cedo e mesmo aqueles que insistiam em prosseguir estudando à noite e trabalhando ao dia acabavam se rendendo às horas-extras e abandonando a escola. Ele mesmo terminou o segundo grau "na marra". O jovem ou adolescente tinha fome não só em termos de comida, mas também em termos de “vestuário, de calçado, de ir ali, vir acolá (...) chegou na Tiprogresso, era salário mínimo na carteira, mas o resto do dia todinho era só extraordinário. Os meninos caíam dentro do extraordinário, aí o estudo ó, babau!" Enquanto a empresa tinha fome de braços, Bento percebia que precisava pôr um freio, "porque serviço tinha demais e exigia que eu trabalhasse: 'Não rapaz, peraí, tenha calma, eu vou terminar (os estudos)!' Mas tem outros que num fez isso não."

A velocidade com que a informática era reinventada, aprimorada, impedia que os trabalhadores conseguissem acompanhá-la. Mesmo que fossem treinados para determinada tecnologia, rapidamente ela caducava para outra mais avançada. A patronal preferia contratar jovens universitários de cursos da computação, do design gráfico ou da propaganda que poderiam aceitar baixos salários devido à pressão do mercado. Augusto recorda-se de colegas chapistas, desempregados, que caíram no alcoolismo, que não teriam oportunidades nem mesmo nas "quengas de coco", por não haver espaço. Seu relato traz a lembrança de um colega que lhe comove:

> Ele ficava nas portas de gráficas ali, mendigando um almoço, aquela coisa toda. Aí, o caboclo pra num, num dá aquele almoço como se fosse assim uma esmola: " Vai entregar esse serviço aqui acolá!", só pra dizer que o caboclo fez o serviço e dar, entendeu.

Eguiberto Gomes de Sousa[15], um dos gerentes da Tiprogresso, escolhido para ser um homem de confiança de Luiz Esteves, desenvolveu com Bento e Augusto uma amizade que perdura até os dias de hoje. Sobre a resistência do patrão em adotar as novas tecnologias, conta que certa vez um serviço para um banco foi produzido na tipografia, mas tentou-se

15 Entrevista realizada com Eguiberto Gomes de Sousa, em 10 de Fevereiro de 2013.

vendê-lo como fabricado na off-set. Quando certa vez escreveu um relatório explanando a nova era tecnológica que tomou conta da indústria gráfica, conta que Luiz Esteves folheou, leu alguma coisa, virou para Eguiberto e disse: "'Doutor, você acredita nisso aí?', 'Acredito, acredito porque foi eu que escrevi, seu Luiz!', 'Doutor, você não sabe que Fortaleza, isso aqui é uma província, tipografia ainda vai rolar por muitos anos?". Esse diálogo foi um marco para o gerente que decidiu daí em diante montar sua própria gráfica, levando junto o linotipista Augusto Bento.

Eguiberto gosta de relatar os casos que considera curiosos, engraçados e "pitorescos". Muitos dessas ocasiões simbolizam o caráter centralizador da gerência de Luiz Esteves, que parecia sempre manter a empresa funcionando sem dispender altos custos com as tecnologias mais atuais. Certa vez, por exemplo, tentando acabar com uma velha prática de dobrar os folders com as mãos, Eguiberto, com a ajuda de um dos sócios da empresa e sobrinho do proprietário, adquiriram uma máquina dobradeira. Luiz Esteves ficara quinze dias "intrigado", sem falar direito com nenhum dos dois, pois a compra teria sido feita sem seu aval. Se os concorrentes compravam uma máquina "speedmaster" computadorizada, ele preferia comprar uma ainda mecânica. Se ele usava uma impressora "tamanho quatro", os outros já usavam uma "tamanho dois". A empresa trabalhava sempre sobrecarregada , como se aceitasse uma demanda além de sua capacidade produtiva, exigindo de seus funcionários um trabalho exaustivo, jogando o peso da responsabilidade das metas nos braços dos trabalhadores, como se eles próprios também houvessem se comprometido diretamente com os clientes em aceitar e realizar os serviços propostos. As longas jornadas sempre são associadas ao grande volume de serviços na empresa. O próprio Eguiberto usa o termo "responsabilidade" para justificar o fato de os gráficos aceitarem jornadas que adentravam Sábados, Domingos e Feriados. Bento, em sua fala, também muitas vezes parece assumir esse ponto de vista da empresa, de seus patrões.

Um risco comum no manuseio das linotipos são as "chumbadas", como Bento lembra: "Quando alguma coisa dava errada, aí o chumbo espalhava, devido à pressão ser muito grande, o Augusto já se queimou, eu me queimei com chumbada. Não muito constante né, porque a gente chega um ponto que... Mas aqui e acolá, acontece de dar uma chumbada, né."[16] Um marco simbólico importante para Bento sobre o fim da linotipia foi uma matéria que afirma ter lido na revista Veja sobre o advento da informática na impressão de jornais. Ficou na memória a imagem de uma linotipo derramando chumbo: "Quer dizer, a linotipo tinha

16 Idem.

chegado o tempo dela, né." Após pesquisar nos arquivos da Veja, o que encontramos foi uma matéria na seção *Vida Moderna*, intitulada *Jornal eletrônico,* numa edição de 25 de Fevereiro de 1970. Seu conteúdo relata sobre a importância de duas horas na vida de um jornal, pois esse era o tempo que as novas máquinas economizariam na sua produção: uma perfuradora de fitas e um computador eletrônico. Os equipamentos haviam sido adquiridos na semana anterior pelo jornal "Correio Braziliense', de Brasília. A nova tecnologia dispensaria "o velho processo de composição por linotipo", permitindo ao jornal ser confeccionado duas horas mais tarde do que os concorrentes. Pela primeira vez empregado no Brasil, o sistema "de origem americana e parcialmente produzido na França", eliminaria também "as incomôdas caldeiras onde o chumbo e o estanho são derretidos deixando emanar gases altamente tóxicos". Por causa dos gases, os linotipistas tinham o hábito de beber leite continuamente, o que nem sempre os livrava de doenças pulmonares acarretadas por muitos anos de trabalho. O tempo gasto para a composição seria de vinte minutos para uma página completa de jornal, numa média de quarenta e cinco linhas por minuto. Na época, o diretor do "Correio Braziliense" (propriedade dos Diários Associados), Édison Varela, afirmou que "o equipamento faz, em uma hora, o trabalho de seis linotipistas, usando apenas um funcionário encarregado da perfuração." Os custos como o novo sistema de composição a frio ainda equiparavam-se com a composição a linotipo (a quente), o que era atribuído aos altos custos com a importação das novas tecnologias. Em contrapeso, a grande vantagem para o diretor era:

> Além do tempo ganho na composição, é a libertação da necessidade de linotipistas, profissionais caros e de preparo demorado. No seu lugar, é empregado um operador da perfuradora, que pode ser preparado e treinado para essa função em poucos dias.
>
> Fazer um jornal sem necessidade de linotipistas talvez seja um dos grandes sonhos das emprêsas jornalisticas. Para tentar transfromar êsse sonho em fato real (para grande preocupação dos atuais linotipistas), algumas grandes empresas de São Paulo já encarregaram representantes de estudar em Brasília o nôvo método do "Correio Braziliense".
>
> Talvez comprem o mesmo equipamento, mesmo sabendo que os custos finais não são menores do que os dos processos tradicionais de composição. Mas, certamente, esperam atingir a situação dos Estados Unidos, 'onde uma emprêsa pode adquirir os modernos equipamentos eletrônicos', afirma Édison Varela, 'a preços que tornam os custos do jornal americano moderno bem inferiores aos dos jornais brasileiros antiquados ou dos nossos jornais que pretendem se modernizar'.[17]

17 Jornal Eletrônico. Vida Moderna. **Revista Veja**. Edição 77, 25 de Fevereiro de 1970. P. 63.

Uma fita perfurada em código é o elemento responsável pela alimentação das quatro memórias do computador e de seu sistema de composição. A fita recebe perfurações de um teclado comum (com 96 tipos), informando também ao computador de que tamanho e com qual estilo de letras deve ser composto o texto. Um tambor de alta rotação com apenas 2 quilos de peso joga os tipos e os espaços na linha de composição e automaticamente passa a linha seguinte quando o espaço se esgota. Outra das vantagens do sistema de composição a frio adotado pelo "Correio Braziliense" é a possibilidade de usar até oito tipos diferentes na mesma linha numa única operação. Também é possível numa única operação, compor linhas com o comprimento de até quatro colunas de jornal - quando na maior parte dos jornais do país é necessário, por exemplo, compor duas linhas de duas colunas cada, para juntá-las e formar uma de quatro.

Depois da composição as letras são colocadas diante de uma lente atravessada por um raio de luz que vai impressionar um papel sensível. Com esses papéis, o jornal já pode ser praticamente montado.

José Augusto lembra que no jornal Correio do Ceará, trabalhavam cerca de 10 a 12 linotipistas. Com a inovação, foram 12 linotipistas no mercado, aumentando a oferta de trabalho em relação a demanda, provocando um achatamento dos salários. Nem todas as gráficas de Fortaleza usavam a linotipia e ele exemplifica algumas exceções: "as gráficas Minerva, América e a Tiprogresso, com duas máquinas apenas".

Tipógrafos: compondo impressões e resistências

Amigo de Bento, Raimundo Freitas da Silva (Freitas), nasceu em Fortaleza, em 7 de Julho de 1960. Seus pais nasceram em Aratuba. Morou no bairro Moura Brasil e mudou-se para Parangaba em 1976. Em 1984, fixou moradia no Conjunto Jereissati I, Maracanaú. No dia 19 de Janeiro de 1976, entrou na Tiprogresso, saindo somente em 1984 para trabalhar no jornal O Povo. Em 1985 foi trabalhar na Minerva. Em 1984 saiu da Minerva e continua na mesma gráfica, de seu ex-gerente na Tiprogresso, Eguiberto. Estudou somente até a sexta série. Perdeu a mãe com 14 anos. Sem o apoio financeiro do pai, precisou procurar emprego para sustentar os cinco irmãos – dois mais novos e dois mais velhos que ele.

Na infância "muito pobre" a lembrança de um certo dia quando voltava do colégio mudaria sua vida: chegou em casa e a mãe estava morta, 44 anos de idade apenas, devido a um ataque cardíaco. Para sobreviver largou a escola e foi procurar trabalho. Foi o primeiro a

arranjar emprego. Sem o apoio financeiro do pai, dependia da doação de comida dos vizinhos para sustentar seus irmãos. Mesmo assim ele frisa: "Por incrivel que pareça foi meu pai quem levou, foi três dias em seguida, no terceiro dia o Luiz Esteves é, me colocou pra trabalhar." Pela iniciativa do pai, conseguiu ser empregado na Tiprogresso. Daí em diante, não ficou mais do que seis meses parado. A sua fala confirma que era comum os jovens do Moura Brasil e bairros adjacentes procurarem emprego na Tiprogresso, por ser a maior empresa do Centro e a maior gráfica do Norte e Nordeste: "Aí todo menino só corria pra lá, Pirambu, Nossa Senhora das Graças, era mais chance pra quem era de menor". Arrisca até em dizer que na sua época chegou a ter cerca de "440 empregados". Começou no setor de Confecção, empacotando os materiais. Até seu posto de trabalho sempre andava por entre a sessão de "chapa". De conversa em conversa, fazendo amigos e ganhando algumas lições sobre o ofício conseguiu mudar de setor e se tornou tipógrafo, compondo as chapas tipo por tipo. De serviços mais simples como distribuir as chapas, desmontá-las letra por letra, galgou posição no aprendizado, ganhou sua própria gaveta de tipos e aprendeu a montá-las letra por letra, compondo textos na "rama" e entregando ao impressor. Não achou difícil aprender. Pra ele, basta ter bom raciocínio que dentro de um mês se aprende. Seu chefe o indicava para que veteranos lhe ensinassem, inclusive muitos vindos do SENAI.

Os serviços mais comuns aos tipógrafos eram a confecção de notas fiscais e duplicatas. Depois de sua quase extinção, passaram a fabricar cartões de visita, convites de casamento, etc. Lembra que o maior cliente da Tiprogresso eram as Casas Pernambucanas, havendo até uma máquina exclusiva para sua demanda, funcionando vinte e quatro horas por dia.

Sempre foi muito brincalhão e confessa que "vivia suspenso". Já comeu escondido merenda dos colegas. Noutra ocasião, quando mal reingressara à empresa, foi flagrado por um dos patrões passando graxa no sapato de outro funcionário. Naqueles tempos, segundo informa, os tipógrafos eram mais valorizados. Não faltava emprego. Numa dessas suspensões, levou vinte e oito dias. Mal atravessou a porta da Tiprogresso, havia um rapaz de outra gráfica que parecia estar lhe esperando na calçada. Passou a suspensão trabalhando em outra gráfica. Conta que "o seu Luís Esteves era muito radical", suspendia por qualquer coisa, principalmente atrasos. Os donos de outras gráficas ou seus funcionários transitavam muito pela Tiprogresso, sempre estabelecendo um contato, perguntando por alguém suspenso. Nesse tempo, Freitas avalia que eram muitas gráficas para pouca gente. Trabalhou numa sessão com

mais de vinte e cinco pessoas, em meio a barulho de máquinas e odores tóxicos, mas não reclama das condições de trabalho do passado, nem do presente.

As horas-extras eram uma rotina na Tiprogresso. Virava até três vezes na semana. Entrava na empresa de manhã cedo e só saía no dia seguinte, ao meio dia. Retornava para casa, descansava e na outra manhã estava de volta no emprego. Quando indagado se era obrigatório fazer horas-extras respondeu: "O patrão exigia fazer hora-extra, era muito serviço, né. Tinha que fazer hora-extra, todo mundo tinha que fazer. Só quem não fazia hora-extra era quem estudava e era pouca gente que estudava." Afirma que nunca brigou com nenhum patrão e nunca fez greve. Daquelas que lembra, declara que poucos aderiram:

> Acho que em 82 teve uma greve, aí teve vários anos também, mas ninguém fazia não, cumpria não, porque o homem dava aumento, né. O sindicato mandava, o homem dava, aí os que ele não dava, tinha greve, né. Nunca participei de nenhuma greve não. Os colegas chamavam demais e eu "não, vou, não".[18]

Sempre foi sindicalizado, comparecia às festas do dia do gráfico, às partidas de futebol, tudo organizado pelo sindicato, mas não via a necessidade de fazer greve, pois "tudo que a gente pedia o homem dava, pedia um empréstimo o homem dava. Pra que fazer greve, né?". Todavia, já vimos em outros momentos de suas narrativas que a carestia de vida e as relações de reciprocidade estabelecidas com o patrão consolidavam em certa medida a permanência no emprego. Sua postura pode ser explicada pelas relações que estabelecia com os patrões. Quando trabalhou no jornal O Povo, por exemplo, por morar muito longe, sempre chegava atrasado e não recebia reclamações: "O gerente era gente muita boa, o baiano Cleber, e eu pegava o trem aqui, descia no Otávio Bonfim, chegava quase todo dia atrasado e ele num dizia nada.". No entanto, Freitas aprendeu com colegas algumas táticas para amenizarem a estafa do trabalho, seja por meio de brincadeiras, ou intervindo na produção e no tempo de trabalho: durante o dia produzia a meta diurna, mas sempre acelerava na produção e guardava algum material a mais. Pela madrugada, quando "virava", uma boa parte da meta noturna já estava cumprida e após umas poucas horas de trabalho poderiam dormir a noite toda. Apenas uma pessoa vigiava o portão e possuía a chave, não pemitindo ninguém entrar nem sair. O risco maior eram as visitas noturnas de Luiz Esteves, que chegava em sua "kombi", vindo das festas no Náutico Club, geralmente de Sexta para Sábado. A madrugada também era o momento propício para brincadeiras que testavam a paciência dos colegas. Freitas conta que

18 Entrevista realizada com Raimundo Freitas da Silva em 26/03/2013.

até pintaram a careca de um gráfico no seu momento de sono com uma tinta azul difícil de largar. Pela manhã, o dito trabalhador foi motivo de chacota dos funcionários que chegavam, mas não pôde reclamar nada com o patrão, porque seria fácil deduzir que estava dormindo em serviço.

A grande transformação na sua trajetória profissional foi o advento da informática, quando precisou se adaptar, o que só foi possível porque seu antigo chefe na Tiprogresso, Eguiberto, quando abriu uma gráfica própria, o contratou e possibilitou sua transição da tipografia para off-set. Mesmo assim, parece ter aprendido apenas algumas atividades básicas ou até auxiliares do setor, como numerar serviços, procurar, guardar ou gravar chapas de fotolitos.

O tipógrafo José Costa Bezerra (Costa) foi um dos muitos alunos do SENAI[19] que, por volta dos anos de 1985 a 1986 realizava sua formação no curso técnico de artes gráficas. Interessante notar que na sua narrativa destaca como considera um "fato pitoresco" ter trabalhado numa só empresa:

> (...) citando, assim, até uma questão dum fato pitoresco, que eu sou trabalhador gráfico de uma empresa só, eu nesse tempo todinho, mais de vinte anos .. é ... no setor gráfico, eu nunca tive assim experiência em outra empresa, porque ao terminar o curso técnico que eu fiz no Senai eu fui chamado logo em seguida pra poder fazer a questão da apresentação na empresa a qual eu to hoje até nos dias de hoje que é a Tiprogresso, que é uma empresa velha já conhecida no ramo e diante da transformação das empresas, questão que era uma empresa familiar e que era muito conhecida, que era o grande líder da empresa lá que o pessoal tinha como líder também empresarial, que é o senhor Luíz Esteves, que já foi presidente da Fiec, bastante conhecido na época.[20]

Nesse trecho da entrevista, Costa se refere ao patrão como um personagem importante na cena empresarial cearense, que como já vimos, encontra fundamento nos registros sobre sua vida encontrados na página virtual da FIEC. Para ele, ser trabalhador de uma empresa só durante toda a vida é apresentado como "fato pitoresco", provavelmente porque fosse comum os gráficos terem experiência de trabalho em mais de uma empresa, ou mesmo em várias, o que parece se confirmar em algumas conversas que tive com outros trabalhadores do ramo. O líder sindical, José Augusto de Oliveira, por exemplo, trabalhou na Tiprogresso, mas também

19 O Senai constituía-se numa instituição cujo fim era ofertar cursos técnicos que formassem trabalhadores para atender a demanda dos empresários por mão de obra especializada.
20 Entrevista realizada com José Costa Bezerra em 24 de Abril de 2012 às 20:13.

foi empregado do Jornal Correio do Ceará. Mas como o próprio Costa aponta, é comum encontrarmos na empresa (Tiprogresso) trabalhadores antigos:

> (...) os trabalhadores lá da empresa lá, são ... é ... como é que diz , é uma empresa que o pessoal passa muito tempo, muito difícil você achar um cara com menos de cinco, dez anos, que o pessoal lá, geralmente a maioria que trabalha lá se aposenta, se aposenta na empresa lá, só se o cara tiver, como é que diz, oferta de emprego melhor, queira ir pra outro canto, vai viajar, dificilmente a empresa bota pra fora, se você for olhar o corpo de empregado lá, é um pessoal com a idade lá já, assim, bastante de tempo na empresa.[21]

Outro "fato pitoresco" trata de alguns hábitos do empresário, o que revela tanto sua forma de administrar a empresa e de impor disciplina sobre os empregados, como oferece um outro lado para sua imagem de homem público que vimos se delineando até aqui:

> Tinha um fato pitoresco, que o dono da empresa, ele ó, gostava de tomar os uísques dele, ele ia pra Fiec, ai dava o expediente, ai ficava ate mais tarde lá, as vezes quando tinha festa, ele chegava uma hora, mas passava, antes de ir pra casa, passava pela empresa, pra poder pegar o pessoal, sabe, quando ele num aparecia, ai o pessoal ficava segurando, porque ele num saia lá da, de lá, sem passar pela empresa não, ai tinha um, ficava um pessoal, assim, no portão, no portão lá esperando ele chegar, aí quando, o cara ficava dormindo praticamente em cima da sirene lá de trás, quando ele chegava o cara tocava a sirene, quem tava dormindo se levantava e ia pros seus postos de trabalho ... é, tinha sempre, é, essa questão da malandragem né, tinha essa questão da maladragem no, no chão da fábrica.[22]

Quando da morte de Luiz Esteves, seu filho declara que "hoje a homenagem que podemos prestar a ele é manter a gráfica funcionando, como ele gostava" (DIÁRIO DO NORDESTE, 01/02/2008). Tal declaração, aparentemente ingênua, está carregada de sentido e carrega toda uma concepção de gerência fabril. Afinal, a gráfica não funciona sozinha e por isso em vez de se ler *"manter a gráfica funcionando, como ele gostava"*, poderia se fazer uma contra-leitura (uma leitura a contrapelo): *manter o gráfico trabalhado como* ***ele gostava.*** De acordo com a demanda da empresa, o empresário queria garantir que a produção "virasse" à noite:

> (...) é um fato que eu vou contar que tinha as questões de viradas na empresa. Na empresa virada era o quê, o pessoal trabalhava durante o dia, aí tinha muito

21 Entrevista realizada com José Costa Bezerra em 24 de Abril de 2012 às 20:13.
22 Entrevista realizada com José Costa Bezerra em 24 de Abril de 2012 às 20:13.

> serviço, pediu pro camarada vir à noite, aí o camarada no mesmo dia trabalhava, dava um certo tempo né, ele voltava oito e meia pra nove horas, aí ia até o outro dia pela manhã, (saía quinze pra seis da tarde) tinha uma turma que era muito boêmia ela fazia o seguinte, ela burlava a empresa, a gente já tava com a turma dentro desse local, já bebendo, que ninguém ia trabalhar, no caso eu num fazia isso né, num fazia esse tipo de trabalho a turma deixava chegar mais tarde, pegava saía da empresa e ficava com a gente, voltava pra empresa, aí a turma deixava chegar mais tarde a turma os caras voltava pra empresa pra poder no outro dia tá lá, tinha uma coisa pra você ver, a união dos trabalhadores naquela época de, assim, de deixar o companheiro numa situação boa, pela manhã se um colega meu sabia que ia virar eu tinha capacidade de produzir além do que eu produzia já, produzia e deixava do lado a produção, pra quando ele viesse à noite quando fosse olhar de manhã a produção já tava feita (...) 23

Note-se que o gráfico faz um alerta para o que vai relatar nesse momento de sua fala - *"é um fato que eu vou contar"* -, pois revela uma tática, uma forma de "burlar" a empresa, algo que deve ser praticado em segredo para não sofrer nenhuma punição. Se o patrão era conhecido por seus empregados por ter hábitos boêmios, os gráficos também planejavam suas fugas para os bares e, mesmo assim, garantiam as metas da produção para o dia seguinte. Se o empregador não confiava nos trabalhadores e fazia questão de ver a empresa funcionando, até na madrugada, "como ele gostava", os empregados muito menos, e por isso garantiam sempre um colega para "vigiar" sua chegada e alertar os outros. Se o êxito da exploração do trabalho dependia do rigor e da regularidade da disciplina imposta pelo patrão, o sucesso das táticas de burla dos empregados seria garantido também pela previsibilidade dos hábitos do patrão:

> Uma vez ele chegou lá, de madrugada lá, tava tão embriagado, tava tão embriagado que ele caiu, ele caiu por cima dos papel lá, e o pessoal todo mundo preocupado: - Será que esse homem ainda tá rondando por aqui. Aí disse: - Não, passou por aqui não. Aí esse dia o pessoal trabalharam até de mannhã e encontraram o véi de manhã por cima de um bocado de coisa lá, caido lá (risos).24

Neste episódio, os trabalhadores não praticaram a fuga habitual, porque o próprio hábito de Luiz Esteves pareceu não se confirmar. Diante da dúvida, foram obrigados pela situação a trabalhar até o amanhecer. Para Francisco Baltazar Neto, presidente do CIC, "Luiz Esteves foi um líder conciliador, atencioso e focado no interesse do crescimento do Ceará"(DIÁRIO DO NORDESTE, 01/02/2008). Na mesma linha, Francisco Barreto, da Facic, diz "que ele era um homem de sensibilidade, brincava com todos, 'era um paizão'"(DIÁRIO DO NORDESTE, 01/02/2008).

---

23 Entrevista realizada com José Costa Bezerra em 24 de Abril de 2012 às 20:13.
24 Entrevista realizada com José Costa Bezerra em 24 de Abril de 2012 às 20:13.

Essa maneira "descontraída" de Luiz Esteves imprimia uma forte marca na sua administração da empresa, e fatos "pitorescos" na Tiprogresso pareciam ser mais comuns do que se imagina, contrariando mesmo essa adjetivação. Mas a regularidade desse comportamento e da ocorrência de fatos inusitados ou engraçados, talvez justifique essa qualidade de pitoresco, uma vez que o Luiz Esteves do cotidiano da gráfica contradiz a imagem que se espera de um líder empresarial. Certamente não era o empresário mais rico, haviam muitos outros bem mais abastados no Ceará, mas era reconhecido pela sua capacidade de defender os interesses econômicos da elite empresarial, principalmente dos pequenos e médios empresários. Para Costa, em vez de brincadeiras, o que o patrão demonstrava no seu comportamento era a capacidade de teatralizar, lançando mão de uma "molecagem cearense" como forma de contornar situações embaraçosas:

> E tem essa também, ele tinha um jeito moleque, muito assim, moleque cearense também, ele sabia, ele marcava colado com as pessoas, mas tinha alguns fatos assim, que no caso o cara era, uns fato tão hilário assim, que ele pegava e levava na brincadeira. Teve uma vez num setor tinha, ele saia pra almoçar, o pessoal já sabia tudo os horarios que ele saia, ele saia pra almoçar e passava umas duas horas pra voltar, o horário dele era umas duas horas pra três horas pra voltar e demorava duas horas pra voltar. Aí ele saiu. Aí no caminho, o cliente telefonou pra ele, tava lá vendo um problema. Aí o pessoal naquela liberdade todinha, num setor lá atrás, tinha um rapazote, pegaram e fizeram uma bola de papel desse tamanho (faz mímica com as mãos para indicar o tamanho), aí montaram um tubão de cola bem aqui e montaram uma trave lá atrás e ficaram cobrando pênalti, sabe? Aí o cara foi cobrar o pênalti, e o goleiro dizendo lá: - Rapaz, chuta rapaz, vai chutar não? E o dono tava atrás do goleiro, e o goleiro num tava vendo. Aí o seu Luiz pegou e disse assim: - Não, peraí, tenha calma, quem vai chutar agora sou eu, e você vai pegar, você num disse que era bom, quero ver se você é bom. Aí pegou e cobrou o pênalti e o cara se jogou pra pegar (risos). Tinha esse caso, às vezes o cara (Luiz Esteves) era tão assim de um jeito, que fazia essas coisas. Tinha uma turma lá que dizia assim: - Rapaz, se num tiver pau hoje num tem graça. Pau, é o cara dar um carão, se num tiver pau na Tiprogresso não tem graça pra fazer hora desses problemas que tinham na gráfica.[25]

Na gíria, "pau" era o "carão", a bronca que o patrão regularmente aplicava nos seus empregados. Para Costa, a brincadeira era uma forma de intimidar, mesmo que através de um tom conciliador; e a recorrência de tais situações "pitorescas" era reflexo dos "problemas que tinha na gráfica". Ele mesmo relata que foi "chamado a atenção" certa vez porque se recusou a ensinar seu ofício para uma pessoa que o patrão queria promover na gráfica. Em geral, os gráficos que se formavam no Senai, não ensinavam o ofício a pessoas que o patrão escolhia – aqueles que eram mais "chegados à empresa" -, pois tal prática

25 Entrevista realizada com José Costa Bezerra em 24 de Abril de 2012 às 20:13.

promoveria sua desvalorização no mercado. O patrão poderia pagar um salário menor para os aprendizes de "chão de fábrica" e demitir os gráficos com formação técnica:

> Na época tinha muitas pessoas que, vamo dizer assim, nos setores que ele pegava e tirava aquelas pessoas dos setores que não precisava ter uma questão formal melhor né, do que os outros, você chegava, por exemplo, você chegava na questão de ser um serviços gerais, ai você ia trabalhar no setor de serviços gerais, aí, dependendo do que a empresa achasse de você, poderia jogar para outro setor, que a gente já tava lá há algum tempo, e esse pessoal, o dono da empresa às vezes entrava em atrito com os profissionais porque ele queria que a gente ensinasse esse pessoal a trabalhar e a gente num aceitava isso. E uma das vezes que eu fui até chamado atenção pelo dono da empresa porque chegou uma pessoa pra me ensinar o camarada lá a trabalhar e eu disse que num ia ensinar ele porque eu passei dois anos e alguns dias estudando pra poder aprender aquela profissão, num seria justo eu pegar, que ia tá tirando a oportunidade de emprego pra outras pessoas que taria na fila também do Senai pra poder entrar no mercado de trabalho, aquela pessoa passar dois anos estudando e num ter condições de entrar no mercado porque ele tinha pessoas dentro da empresa que num tava estudando pra isso e tava tirando né, os postos de trabalho. E tinha a compreensão do restante dos trabalhadores que a gente naquela época considerava a questão do profissional, esse pessoal que realmente vinha do Senai e que já vem de outra empresa com bagagem, tinha essa consciência. 26

No entanto, a recusa em ensinar o ofício não era um tática "fechada", pois José Rogério Andrade e Silva (Rogério) e Rogério de Lima Lopes (Lopes) afirmaram que se aprimoraram na profissão através de colegas de trabalho. O próprio Costa informou que ensinou muitas coisas ao colega Rogério. Desta forma, vemos emergir duas táticas, ou melhor, uma tática dos trabalhadores e uma estratégia[27] do patrão: Luiz Esteves selecionava empregados de sua confiança e de baixa qualificação e intimidava os mais qualificados a transmitirem o aprendizado, já os gráficos "do Senai" ou de outros cursos técnicos só abriam exceções se o colega de trabalho fosse de confiança.

Desde a preparação no SENAI percebemos uma postura de resistência dos alunos que, na contramão dos interesses patronais, procuravam a especialização nos cursos mais qualificados (compositor tipográfico, linotipista, impressor), como forma de pleitear maiores salários, enquanto os empregadores exigiam uma "versatilidade": "o operário precisa ser compositor, impressor de diferentes máquinas, impressor off-set, linotipista e outras." Esse

26 Entrevista realizada com José Costa Bezerra em 24 de Abril de 2012 às 20:13.
27 Michel de Certau diferencia os conceitos de estratégia e tática da seguinte forma: "Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a apartir do momento que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. Com respeito as estratégias (…) chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. (…) A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha." (De CERTEAU, 1994. p. 99-100).

conjunto de habilidades só poderiam ser adquiridas em "Cursos de Aprendizagem, por serem de maior duração". Já os "Cursos de Qualificação, feitos em poucos meses, são concentrados" e se destinam a alunos adultos, os quais aprendiam "apenas uma das qualificações do Setor Gráfico" e representavam até 70% dos alunos formados pelo SENAI. (SENAI, 1980, p.7)

Na entrevista realizada com o gráfico Rogério de Lima Lopes (Lopes), ele relata como foi, aos 14 anos de idade, seu primeiro emprego na Tiprogresso:

> (...) eu achava muito estranho que era o primeiro emprego e cheio de regras, né. Cheio de regras, é, regras até pra você ir no banheiro, tinha que dar o seu nome, pegar uma espécie de autorização ... um absurdo, um absurdo, o cara explorava, o dono da Tiprogresso explorava da maneira pior possível (...)
>
> (...) a gente era muito explorado, muito explorado mesmo, já pensou, você pra ir no banheiro, você teria que dar o nome, teria que pegar uma espécie de ... a chave né, só, uma famosa chave, uma chave bem grande, bem grande de madeira, que era pro camarada ir no banheiro teria que dá o nome e marcar o tempo. Tinha determinado tempo pra você ir no banheiro, se ultrapassasse esse tempo, aí, quando era no final do dia, né, aí, o chefe chamava: - Você passou tanto tempo no banheiro, né ... (...).[28]

Através dos relatos dos trabalhadores, percebemos delinear-se uma política de recrutamento de menores de idade posta em prática pela empresa. Lopes confirmou que muitos "garotos" trabalhavam na gráfica. A disciplinarização do tempo e do corpo é ilustrada pelo rígido controle e vigilância ("cheio de regras"), tanto em sua dimensão prática (na cronometragem do tempo para se ir ao banheiro) quanto simbólica (o uso de uma chave "gigante"). A chave , segundo Lopes, media cerca de "meio metro", na qual se registrava o horário de entrada e saída do banheiro. O operário, enquanto estivesse na gráfica, não era mais dono de seu próprio corpo. Não se era permitido circular pela empresa, conversar com os colegas e nem atender às nececidades fisiológicas do corpo. Pelo contrário, o corpo deveria ser adestrado, disciplinado, para que o operário executasse a produção no tempo estabelecido pela empresa. Lopes explica que cada etapa da produção havia um trabalhador com função específica (numeração de páginas, colagem, corte de papel, etc) e cada momento deste processo; "tinha um tempo (…) pra você concluir o serviço (…) se você fosse no banheiro, aquele tempo já, já num dava né (…)." E sobre a gerência de Luiz Esteves, Lopes prossegue:

> (...) Olha, o dono era um senhor já de idade, que se chamava Luiz Esteves. Rapaz, esse Luiz Esteves era, era o dono e considerado o monstro, né, considerado, era, o terrror. Todo mundo tinha medo da, das atitudes do, do

---

28 Entrevista realizada com Rogério de Lima Lopes em 30 de Julho de 2012, às 18:34.

> dono né, é, só pra você ter uma ideia, é, ninguém poderia atrasar um minuto, ou seja, o expediente se iniciava as sete horas da manhã, se você chegar sete e um, o seu cartão já não estava mais no ponto. Você tinha que se humilhar, pedir o cartão ao dono da empresa, que ele era o que abria a empresa todo dia, né, então você tinha que ir numa mesa bem, bem grande, e ele pegava os cartões do pessoal atrasado né, e ficava fazendo escadinha, ficava fazendo, deixava ela em sequência né, colocava em cima da, da mesa, e ficava dando, olhava os nomes, ou funções daquele pessoal que tava em atraso né, atrasado. Aí ia dando, aí dava um visto, né. E quando acontecia de o cartão ter mais de um visto ele chegava até a suspender o, o operário né, na, na época. Aí, sei que era o ...Sem remuneração, suspensão sem remuneração. Geralmente ele dava três dias, três, a cara dele era três dias.[29]

As memórias dos tipógrafos representam um conflito entre a disciplina do regime fabril e o protagonismo dos trabalhadores na produção de seu próprio ócio, lazer e autonomia no processo de trabalho (quando aprendiam a trabalhar rapidamente e antecipavam a meta em segredo). E. P. Thompson analisou em *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial* como era inadmissível na sociedade capitalista a "não-produtividade", pois todo o tempo "deve ser consumido, negociado, *utilizado*; é uma ofensa que a força de trabalho meramente 'passe o tempo'". (THOMPSON, 1998, p.298). Apesar de ter se referido às suas pesquisas sobre a cultura popular dos séculos XVIII e XIX, vê-se que atualmente os subalternos seguem elaborando sua própria cultura. Essa cultura "plebéia", porém, não aparece no cotidiano como visivelmente delimitada e contraposta frente a uma cultura dos dominantes. De acordo com as pesquisas de James C. Scott, os conflitos de classes produzem um discurso público, o qual difunde uma aparente hegemonia das idéias daqueles que detém o poder econômico, político e institucional. Os subalternos ressignificam e manipulam esse discurso para reivindicar direitos, ou então introduzem através do "disfraz político" (disfarce político) suas próprias representações, o discurso dos dominados – ou, como o autor denomina bem, o discurso oculto (SCOTT, 2003, p. 197).

Algumas impressões finais

A história social do trabalho tem muito a contribuir para a história da cultura dos subalternos. O fazer-se da classe trabalhadora envolve o "resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas)", sentidas e articuladas como "a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus"

29 Entrevista realizada com Rogério de Lima Lopes em 30 de Julho de 2012, às 18:34.

(THOMPSON, 1987, p.9). O pobres formulam suas ações e representações a partir de valores morais e experiências culturais próprias, formando a economia moral dos "de baixo" – uma "cultura política" (THOMPSON, 1998, p. 204).

Essa cultura, no nosso caso, forma-se no mundo do trabalho, que não é marcado apenas pela imposição de saberes tecnificados, evocados de forma imediata pelas máquinas para sua correta operação. Entre a forma suficiente para se desempenhar o ofício e as experiências dos trabalhadores gráficos, abrem-se espaços (fissuras) para improvisos criativos e outras modalidades de se executar o trabalho de forma cotidiana. O operário resiste a sua transformação em mero apêndice da máquina e a ter sua atividade fragmentada em movimentos parcelares, repetitivos e uniformes.

O regime da fábrica objetiva não só disciplinar o tempo da produção, mas também domesticar o corpo e suas sensibilidades (leitura, escrita, desreza, perícia, raciocínio), além de impedir que o trabalhador produza o seu próprio ócio e lazer. Em meio a essa tensão, vão desenvovendo táticas de personalização do ofício, construindo novos conhecimentos e transformando-os em segredo profissional, que só seria repassado de pai para filho, ou transmitido para amigos, tudo regulado pelos laços de reciprocidade, confiança e solidariedade. Nossa principal meta foi, desta forma, analisar como os gráficos, apesar de serem subalternos nas relações empregador/empregado, extenderam suas margens de ação e reflexão (o trabalho intelectual) através do controle sobre o saber do ofício. A inserção das máquinas – não apenas para baratear as mercadorias e dispensar mão-de-obra – cumpriria o papel fundamental de expropriar e incorporar os saberes tradicionais da linotipia e tipografia, e disciplinar os novos profissionais. Mas aí já começa uma nova história de luta.

Fontes

Entrevistados

José Augusto de Oliveira (linotipista)

José Augusto Lima Bento (linotipista)

Eguiberto Gomes de Sousa (gerente de produção do setor de Tipografia)

Raimundo Freitas da Silva (tipógrafo)

José Costa Bezerra (tipógrafo)

Rogério de Lima Lopes (impressor gráfico)

Fontes impressas e digitais

DIÁRIO DO NORDESTE. Cidade. 01/02/2008. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo =508 710>. Acesso em 14 de Agosto de 2012.

FIEC. BIBLIOTECA VIRTUAL MEMÓRIA – FIEC. CEDIP. **Luiz Esteves Neto: O desafio das mudanças.** < Acessado em 27 de Maio de 2013 em: http://www.fiec.org.br/documentacao/hpre/len_t.htm>

FIEC. **Diagnóstico do Subsetor Gráfico de Fortaleza.** NAE/CE – Núcleo de Assistência Empresarial do Ceará. Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa do Estado do Ceará, CEAG-CE. Fortaleza: Março de 1979, Ceará.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. DEPARTAMENTO REGIONAL DO CEARÁ. **Mercado de Trabalho no Setor Gráfico de Fortaleza.** Outubro de 1980. FIEC – NUCLIN. EX. DO ACERVO.

Referências Bibliográficas

ALVES, J. M. B.; SOUZA, E. B.; REPELLI, C. A.. **Principais secas ocorridas nesses século no Estado do Ceará:** uma avaliação pluviométrica. In: X Congresso Brasileiro de Meteorologia e III Congresso da FLISMET, 1998, Brasília-DF. CD-rom, 1998. Acessado em 22 de Abril de 2013: <http://mtc-m15.sid.inpe.br/col/cptec.inpe.br/walmeida/2004/10.15.16.05/doc/Alves_Principais%20secas%20ocorridas.pdf>

CASTELLAN, Gláucia Rodrigues. **Artesãos da Subversão:** os trabalhadores gráficos e o Deops: repressão e resistência durante a Era Vargas (1930-1945). Mestrado em História Social. Universidade de São Paulo: São Paulo 2010.

De CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DUARTE, Renato. **Os relatórios do ETENE sobre a seca de 1958.** Cadernos de Estudos Sociais. Recife, vol 19, n° 1, p. 7-16, Jan/Jun., 2003.

GONÇALVES, Adelaide; BRUNO, Allyson. **O Trabalhador Graphico**. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** Madrid: SSRC, 2001.

NUNES, Fabiana Glória Costa. **A evolução da edição gráfica.** SOLETRAS, Ano X, Nº 19, jan./jun.2010. São Gonçalo: UERJ, 2010 – Suplemento. Acessado em 18 de Abril de 2013, às 00:21 em: <http://www. filologia.org.br /soletras /19 supl/04.pdf >.

POLLAK, Michael. "Memória e Identidade Social". *Estudos Históricos,* n° 10, Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaios de história oral/** [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago]. - São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SCOTT, James C. **Los dominados y el arte de la resistencia.** Tafalla: Txalaparta, 2003.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária**: a árvore da liberdade. Vol. 01 Tradução de Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.